



PARA ALÉM DA MATERNIDADE: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO NA MULHER CONTEMPORÂNEA

BEYOND MOTHERHOOD:
THE CONFIGURATIONS OF WISH IN THE CONTEMPORARY WOMAN

Rafaela Castro Braga¹
Luiz Henrique de Assis Miranda²
Janaina de Paula Costa Veríssimo Correio³

RESUMO: A partir das modificações nos padrões sociais e culturais, dos avanços da ciência, as mulheres vêm ampliando seu espaço dentro da sociedade e, conseqüentemente, conquistando maior liberdade de escolha. Ao se referir, hoje, à maternidade, esta surge como umas das possibilidades e não como destino natural. Baseando-se nesse contexto, o objetivo do referido artigo é compreender o lugar da maternidade no desejo da mulher contemporânea. Inicialmente, discorreu-se sobre a evolução histórica do papel da mulher em relação aos cuidados maternos, discutindo-se as influências culturais e sociais que interferiram na construção da representação da mulher em relação à maternidade. Adiante, buscou-se compreender o conceito de desejo na perspectiva psicanalítica no intuito de, por fim, elucidar as configurações do desejo na mulher contemporânea. Para tanto, o método utilizado foi o da pesquisa bibliográfica. Optou-se pelas contribuições da psicanálise e da sociologia. Concluiu-se que a maternidade como única resposta à feminilidade é contemporaneamente insuficiente, visto a inviabilidade de abarcar as mulheres pela via de um desejo universal.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade; Desejo; Mulher contemporânea; Psicanálise; Feminino.

ABSTRACT: From the changes in social and cultural patterns and advancement of science, women have been expanding their space within society and, consequently, gaining greater freedom of choice. When referring to maternity today, it appears as one of the possibilities and not as a natural destiny. Based on this context, the objective of this research is to understand motherhood in the wishing of contemporary women. Historical evolution over the women's roles in relation to maternal care has been discussed initially, also cultural and social influences that impacted in the women's representation in relation to motherhood. We sought to understand the concept of wishing in the psychoanalytic perspective in order to elucidate the configurations in contemporary women. Therefore, bibliographic research methodology has been used. We opted for the contributions of psychoanalysis and sociology. It has been concluded that motherhood as the only response to femininity is insufficient in the contemporaneity, since it is impossible to see women through a universal wish.

KEYWORDS: Maternity; Wish; Contemporary woman; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca promover uma reflexão a respeito do lugar da maternidade no desejo da mulher contemporânea, bem como sobre as configurações do desejo e do feminino na atualidade, visto que a maternidade se consolidou durante décadas como sendo o cerne do destino das mulheres. Compreende-se que, em nossa época, a maternidade consiste em uma das possibilidades de escolha para a mulher e não seu destino natural (MEIRA, 2010).

¹ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. rafaela.castrobraga@gmail.com

² Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. luiz_mirandasamonte@hotmail.com

³ Psicóloga pela Universidade Federal de São João del-Rei. Especialista em Saúde Mental pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Psicanalista praticante, em formação pelo Clin-a. janaina-pcosta@hotmail.com

O tema leva a questionar sobre o que quer uma, ou melhor dizendo, cada mulher na contemporaneidade. A relativa ligação social e cultural que a discussão traz consigo, durante décadas, em relação à maternidade, fez surgir a proposta de pesquisa que alude à seguinte hipótese: “nem toda mulher nasceu para ser mãe”. O trabalho ainda se justifica pela sua relevância científica para os estudos da psicologia e da psicanálise, assim como para as demais áreas do saber envolvidas nesse contexto, a exemplo da sociologia e da antropologia.

A relevância do tema encontra-se também na possibilidade de discutir as relações entre a psicanálise e as transformações sofridas pelo papel da mulher ao longo dos anos, sobretudo no século XX, que envolvem em meio às questões socioculturais, o que Freud considerou como um ponto importante em seus estudos para elucidar o enigma que constitui a mulher: a questão da maternidade (FREUD, 1932/1996).

Para tanto, busca-se contextualizar a evolução histórica da função da mulher em relação à maternidade, as representações sociais e culturais atribuídas à figura feminina ao longo dos tempos, somadas às modificações nos arranjos familiares. Assim como, uma breve elucidação do conceito de desejo na perspectiva da psicanálise e as formulações freudianas e lacanianas em torno da noção de feminilidade. Por fim, serão discutidas as configurações do desejo na mulher contemporânea e o desejo para além da maternidade – afinal, o que querem as mulheres?

Cabe mencionar ainda, segundo Badinter (2011), que na atualidade abre-se caminho para um novo modo de abordar o destino feminino, o que vem desmistificando os modelos culturais e sociais dos séculos passados. Sendo assim, o destino de cada mulher não mais se resume a um único caminho chamado maternidade, uma vez que surgem outras vias possíveis e desejáveis para elas (BADINTER, 2011).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PAPEL DA MULHER EM RELAÇÃO À MATERNIDADE

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência. (BADINTER, 1985, p. 15).

Com essa afirmação feita pela filósofa francesa Elisabeth Badinter, pretende-se iniciar a discussão sobre um tema que atualmente tem se mostrado presente em nosso cotidiano: o

que quer a mulher na contemporaneidade para além do papel da mãe? Se o seu desejo não condiz com a maternidade, seria justo considerá-la um sujeito anormal?

O papel cultural e social atribuído à figura feminina ao longo dos tempos, como função predestinada à maternidade, faz parte das representações construídas a respeito da mulher. Atualmente, a mulher tenta se desvincular desses papéis, dirigindo-se a outras formas de desejar na luta pelo direito de novas escolhas, novas possibilidades (BADINTER, 1985).

Referindo-se à maternidade, Badinter (1985) contesta o caráter inato instaurado na cultura, que designava à mulher um papel essencial em relação ao cuidado da prole. Os costumes da sociedade desempenhavam forte influência sobre os anseios particulares. De acordo com a autora, a sociedade e a cultura estabeleceram que todas as mulheres devem compartilhar do desejo de se tornar mãe, sendo este um equívoco pois, segundo sua interpretação, o amor materno não é inato, podendo ser adquirido ou não ao longo da história de vida de cada uma delas.

Badinter (1985) faz algumas indagações pertinentes a respeito do assunto em debate, questionamentos esses que levam à reflexão sobre as representações culturais e sociais atribuídas à mulher em relação ao suposto desejo inerente à maternidade. No lugar de caracterizá-lo como uma tendência natural, não seria mais coerente falar de um papel social construído para a mulher em relação à maternidade? Como saber se o desejo pela maternidade não consiste em um anseio, em parte alienado, uma adesão a tais representações?

Ao percorrer a evolução histórica da maternidade, Badinter (1985) esclarece que o instinto materno é uma construção, distanciando-o de uma conduta universal:

Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É “adicional”. (BADINTER, 1985, p. 365).

A autora não nega a existência do amor materno, mas acredita que esse sentimento não acomete essencialmente a todas as mulheres. No que se refere à posição feminina, especificamente no século XIII, a mulher esteve em um arranjo no qual era submissa à hierarquia e à autoridade de seu pai, sendo, posteriormente, submetida ao marido. A mãe, por assim dizer, permanecia sujeita a sofrer qualquer tipo de sanção caso viesse a desrespeitar tais costumes (BADINTER, 1985).

Badinter (1985) ressalta que o único valor da mulher, quando comparada à terra, seria ser um bom ventre. Sua posição, como cidadã, sempre foi inferior a do homem, ela esteve submetida a um poder de obediência e silêncio. Os papéis relativos à relação triangular (pai, mãe e filho) são condizentes com os padrões da sociedade. O pai é o responsável pelas atribuições de poder e a mãe pelos bons costumes e cuidados. O filho, assim como a mãe, seguem rigorosamente a obediência à figura parental. Assim, julga-se que à mulher cabe apenas ser mãe, e, mais, uma boa mãe.

Badinter (1985) e Ariès (1981) associam a carga atribuída à maternidade, que perdeu ao longo da Idade Média, à superioridade do pai e também ao predomínio do laço matrimonial. Esses costumes e valores culturais contribuíram para a configuração dos papéis sociais que ainda perpetuam, em boa medida, na atualidade.

Compreende-se que o direito de escolha era bastante restrito, caberia à mulher o cuidado do lar e dos filhos. Desejar algo para além do socialmente estabelecido poderia constituir um risco (ARAÚJO; MOURA; 2004).

As concepções biológicas do século XVIII, que retratavam a submissão da mulher ao homem e definiam sua função especificamente ligada à maternidade, só começaram a “cair por terra” e serem desmistificadas, na Europa, no movimento de libertação que almejava colocar a mulher como um ser autônomo (BADINTER, 1985).

No que diz respeito às transformações sociais do papel da mulher, desde a liberdade de escolha à inclusão no mercado de trabalho, Ariès (1981) e Badinter (1985) esclarecem que ao se depararem com a necessidade de ajudar a compor a renda familiar, em consequência da Revolução Industrial, as mulheres de classes mais baixas tiveram que começar a trabalhar fora do lar. Denominava-se o salário dessas mulheres, entre as décadas de 1960 e 1970, como o segundo salário da família.

Contemporaneamente, o acelerado empobrecimento das camadas médias, durante os anos 90 e, por motivos referentes ao aumento das despesas tanto com a saúde, quanto com o processo educacional dos filhos, fizeram com que as mulheres casadas das classes médias também procurassem trabalho fora do ambiente doméstico. Por essas razões, foram surgindo algumas transformações no contexto familiar e, conseqüentemente, no mercado de trabalho (ALMEIDA, 2007).

Em relação à importância do trabalho como fator contributivo para a busca da autonomia da mulher, Almeida (2007) salienta que, na atualidade, o trabalho fora do lar associa-se ainda à satisfação pessoal, ligado ao crescimento individual e à conquista de *status*. O trabalho não só favoreceu o orçamento dos cônjuges, como também contribuiu para mudanças nas

representações culturais e sociais da figura feminina. Como esclarece Chodorow (1990), para algumas mulheres, a maternidade não mais comporta sinônimo de feminilidade, uma vez que a maternidade não se constitui como destino natural para todas elas.

Nessa vertente, Campos (2015) salienta:

[...] a maternidade nunca foi um fato natural, universal e atemporal. Ela é resultado da cultura que se inscreve numa evolução permanente. A variação dos modos de vida, a emancipação das mulheres pelo movimento feminista, as transformações familiares, o controle da fertilidade e as inovações na fecundidade contribuíram decisivamente para as mudanças da maternidade (CAMPOS, 2015, p. 14).

Portanto, a maternidade vem adquirindo diferentes demarcações. Albertuni (2015) esclarece que não se deve aglomerar as mulheres em uma mesma categoria, como se toda mulher nascesse com uma predisposição à procriação, já que o desejo e o feminino vem se configurando de diversas maneiras na atualidade.

As mulheres avançaram em suas conquistas com o direito ao voto, ao mercado de trabalho e ainda persistem na luta por direitos igualitários em relação aos homens em diversos outros campos. Algumas delas escolhem como e quando querem ter filhos e muitas se decidem por não tê-los. Promovem suas escolhas, algumas proporcionadas pela medicina, como, por exemplo, os métodos contraceptivos, o uso de inseminação artificial e/ou a gravidez independente. Podem casar-se mais tarde e têm direito ao divórcio. Porém, percebe-se que algumas diferenças ainda persistem, a exemplo do contexto de trabalho, sem também desconsiderar que muitas mulheres ainda não se valem dos direitos socialmente adquiridos (CHODOROW, 1990).

Entende-se, portanto, que não são somente as concepções biológicas e os processos da consciência que abarcam a complexidade da maternidade, junto a esse emaranhado também se encontram os processos inconscientes. “É preciso, pois, que haja uma escuta desses processos inconscientes para que a verdade de cada mulher possa advir, fazendo com que ela, enquanto sujeito, se responsabilize por suas escolhas” (MEIRA, 2010, p. 19).

3 O CONCEITO DE DESEJO NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE

Freud (1917/1996), em seu texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, aponta para a existência de uma força motriz que faz com que o sujeito se movimente em busca do prazer e que esta estaria ligada ao fator pulsional, que só conhece a satisfação. “[...] À força pela qual o instinto sexual está representado na mente chamamos ‘libido’ - desejo sexual - e

consideramo-la como algo análogo à fome, à vontade de poder e assim por diante, na medida em que diz respeito aos instintos do ego” (FREUD, 1917/1996, p. 147).

Ainda no mesmo texto, Freud (1917/1996) descreve os três severos golpes sofridos pelo homem, conhecidos também como feridas narcísicas. A primeira ferida está relacionada ao golpe cosmológico, ou seja, à descoberta do homem de que a Terra não seria o centro do universo, pois o planeta gira em torno do sol. Já a segunda ferida se refere ao homem como ascendente animal, faz menção à evolução dos primatas, denominado como golpe biológico. Enquanto a terceira, a qual contribui para o propósito deste trabalho, aponta que o homem acreditava deter o domínio sobre o seu psiquismo. Em contrapartida, Freud salienta que é o inconsciente que domina os processos psíquicos, uma vez que a consciência não é suficiente para reger tais processos (FREUD, 1917/1996).

[...] o que está em sua mente não coincide com aquilo que está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas. Normalmente, admito, a inteligência que alcança a sua consciência é suficiente para as suas necessidades; e você pode nutrir a ilusão de que fica sabendo de todas as coisas importantes. (FREUD, 1917/1996, p. 152).

A partir de duas descobertas, a primeira, de que não é possível controlar as pulsões sexuais e, a segunda, de que os processos mentais são inconscientes, é possível afirmar que “o ego não é o senhor da própria casa” (FREUD, 1917/1996, p. 153).

Portanto, compreende-se que, tão importante quanto a consciência, o ser humano também é regido pelos processos inconscientes. No que se refere aos processos mentais inconscientes, Freud (1917/1996) afirma que talvez poucas pessoas possam ter compreendido a sua significação, tanto para a ciência, quanto para a vida e de quão presentes eles se fazem em nossos dias.

Na contemporaneidade, o ser humano é colocado em evidência como um ser desejante, ora deseja um emprego melhor, sapatos e roupas novas, ora um telefone moderno, a viagem dos sonhos e assim por diante. O prazer é vivenciado por alguns instantes, mas logo reinscreve um furo. Entende-se que, para a teoria psicanalítica, essa falta caracteriza-se como uma força motriz que mobilizará o sujeito em direção à vida. Portanto, o desejo não se refere a algo a ser realizado, trata-se de uma falta nunca preenchida (GARCIA-ROZA, 2002).

Para sustentar tal afirmação, Garcia-Roza afirma:

[...] não o desejo tal como é entendido pela biologia e como é proposto pela filosofia natural; não o desejo como satisfação de uma necessidade, mas um desejo desnaturalizado e lançado na ordem do simbólico. Esse desejo só pode ser pensado na sua

relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele aponta não é o objeto empiricamente considerado, mas uma falta. De objeto em objeto, o desejo desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida. (GARCIA-ROZA, 2004, p. 139).

Logo, a necessidade pode ser suprida com um objeto propriamente dito, a comida que sacia a fome, por exemplo. Em contrapartida, o objeto do desejo se caracteriza como ausência. O objeto do desejo não é algo real, tão pouco um objeto natural. E é por essa razão que o desejo se distingue da necessidade. A partir dessa concepção do desejo, funda-se uma nova realidade: a realidade psíquica (ALONSO, 1985; CHAUI, 1990).

O desejo é indestrutível. Pode-se supri-lo apenas parcialmente, pois inexiste um objeto exclusivo capaz de proporcionar a satisfação absoluta. O desejo sempre retornará, como num processo metonímico. Dessa forma, compreende-se que o desejo assinala uma posição de incansável repetição, ou seja, é a busca repetida pela perda que não cessa, embora o objeto procurado esteja para sempre perdido (CHAUI, 1990; GARCIA-ROZA, 2002; KEHL, 1990).

Assim, o desejo está sempre ligado à experiência de satisfação e à relação do sujeito com o Outro. O mais elucidativo dos exemplos é o do recém-nascido com sua mãe, a relação com o Outro materno proporcionará à criança a formação do eu. “O desejo do Outro torna assim o Eu da criança pensável para si mesmo, e este pensar-se, enunciar-se, fica marcado pelo fato que lhe deu origem” (KEHL, 1990, p. 375).

É através da mãe, ou daquele que cumpre tal função, que a criança se inscreve no mundo. A criança começa a perceber-se e a dar sentido ao seu corpo através da fala a ela endereçada. É, portanto, imprescindível que lhe nomeiem aquilo que ainda lhe é desconhecido. Importante salientar que o desejo do bebê está para além da alimentação, uma vez que o desejo não se adaptará inteiramente aos limites estabelecidos pelo princípio de realidade. “[...] Assim podemos dizer que todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejante – e esse vínculo é fundante, já que sujeito, realidade e desejo são paridos a partir do mesmo evento: o fracasso do princípio de prazer” (KEHL, 1990, p. 368).

Será através desse fracasso que o psiquismo desenvolverá meios para mediar a pulsão e sua satisfação parcial, eis o que é denominado de princípio de realidade, ou seja, o princípio de realidade foi designado para regular o princípio de prazer. É por meio desse fracasso do princípio de prazer que alude-se a possibilidade do bebê construir sua própria história, de se tornar sujeito desejante. Uma história na qual este pequeno terá que se haver com as mais diversas tentativas para localizar as substituições da satisfação primária. Dessa forma, interliga-

do aos traços mnêmicos, o desejo busca ser satisfeito por representações que correspondem à primeira experiência de satisfação (CHAUI, 1990; KEHL, 1990).

Compreende-se, então, que a diferença entre o ser humano e o animal, segundo Garcia-Roza (2002), está no fato do segundo possuir um instinto que lhe garante a sobrevivência, enquanto o homem se distingue pela aquisição da fala. A palavra o coloca em uma posição superior. O desejo, por assim dizer, não é apenas para satisfazer o campo das necessidades, trata-se de algo que é atravessado pela ordem do simbólico. O autor ressalta, portanto, duas condições imprescindíveis para o desejo: que ele se volte para um objeto não-natural e que haja linguagem. A primeira condição se refere ao fato do instinto animal se direcionar para um objeto natural. É preciso que o desejo se conduza para um objeto não-natural, para que só assim ele se constitua. O objeto não-natural caracteriza-se como sendo o próprio desejo.

Garcia-Roza (2002, p. 189) salienta que “[...] sendo o desejo um vazio, ausência de ser, ao se voltar para outro desejo ele se volta para um outro vazio, e apenas desta forma supera sua realidade natural, dando lugar ao surgimento de algo não-natural: o desejo de desejo.” Compreende-se, portanto, que o desejo não é, senão, desejo de outro desejo. É desejar ser amado e reconhecido como tal em sua relação com o outro.

Pode-se afirmar com Chauí (1990) que:

[...] Seja como desejo de reconhecimento, seja como desejo de plenitude e repouso, o desejo institui o campo das relações intersubjetivas, os laços de amor e ódio e só se efetua pela mediação de uma outra subjetividade. Forma de nossa relação originária com o outro, o desejo é relação peculiar porque, afinal, não desejamos propriamente o outro, mas desejamos ser para ele objeto de desejo. Desejamos ser desejados, donde a célebre definição do desejo: o desejo é desejo do desejo do outro. (CHAUI, 1990, p. 25).

Para avançar com a segunda condição, a existência da linguagem, pode-se dizer que esse reconhecimento e desejo de ser amado só será possível através da linguagem. O homem, enquanto detentor da palavra, se encontra em uma dimensão para além do instinto, puramente biológico. É unicamente pelo viés da palavra que o desejo poderá ser pensado como desejo de desejo, sempre constituído na relação com o Outro: “[...] Esta é, precisamente, a meu ver, a característica da psicanálise: mover-se, desde o início, na dimensão da linguagem. Portanto, na dimensão do vazio e não da falta” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 192).

4 AS MULHERES E A PSICANÁLISE

Freud, ao longo de suas pesquisas, empenhou-se em discutir a feminilidade, sendo este um conceito importante para a expansão da sua teoria sobre a sexualidade. Nessa perspectiva, entende-se que foi através de sua experiência clínica com as histéricas que a sexualidade passou a ser entendida pela via dos processos psíquicos. A partir desse momento, rompe-se com o paradigma da tradição científica, que localizava a sexualidade a partir de um viés essencialmente anatômico (FREUD, 1932/1996).

Percorrer o caminho da feminilidade é se aventurar no imprevisível, no indizível. Pensar a questão da feminilidade na psicanálise é percorrer um amplo caminho, cheio de indagações. É remeter-se para além da questão de gênero e, também, sobre o processo de sexuação. (ALONSO, 2002; BIRMAN, 1999).

Segundo Birman (1999), a questão da feminilidade diz respeito a um registro psíquico que se opõe ao falo. Enquanto pelo falo o ser humano busca a universalidade, na feminilidade o que está em jogo é a busca pelo singular. Quando se fala em feminilidade, lança-se a questão da singularidade do sujeito. “A feminilidade é o correlato de uma postura heterogênea que marca a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro” (BIRMAN, 1999, p. 10).

Freud se depara com alguns impasses e salienta que o propósito da psicanálise não se apoia na descrição da mulher, mas sim na investigação de como ela vem a se tornar mulher. No entanto, o processo de tornar-se mulher só pode ser pensado na singularidade, no caso a caso, uma a uma, pois são caminhos norteados pela lógica do desejo que expressarão no corpo a história de vida de cada sujeito, em um momento único da história e da cultura. Se para Freud a maternidade constituía um dos destinos da feminilidade, essa solução já não é mais a única resposta legítima ao feminino na contemporaneidade (ALONSO, 2002; FREUD, 1932/1996).

Valença afirma que, hoje, tem-se uma nova ideia de feminilidade. A mulher pode ocupar um lugar de reconhecimento social e, inclusive, como consequência, pode ser admirada pelo papel do qual se apropria: “[...] A mulher contemporânea tem a mestria de seu corpo, determina como e em que situação deverá usufruir da sua sexualidade, sem que esteja atrelada obrigatoriamente ao casamento ou à maternidade” (VALENÇA, 2003, p. 126).

Entretanto, Valença (2003, p. 71) também ressalta a ausência de garantias:

O “tornar-se mulher”, por ancorar-se fundamentalmente na exterioridade-de-si, apresenta uma configuração estetizante, pois, se antes as referências de feminilidade fundamentavam-se principalmente na interioridade da mulher, e as referências ex-

ternas eram bem marcadas e diferenciadas pelas normas sociais; hoje, elas se apresentam mescladas, transitórias e com pouca consistência em termos de definição de masculino e feminino. Nesse contexto, talvez seja plausível pensar que a mulher contemporânea carece de referências, tanto externas quanto internas, de feminilidade.

Lacan, no Seminário 20 – Mais, ainda, aponta o axioma “A mulher não existe”, demarcando o A maiúsculo como sendo impensável, uma vez que esse A caracterizaria o significante que determina a mulher como um sujeito universal. O autor afirma que só se pode referir-se à mulher a partir da barra no A. Pois não existe um artigo definido que designe A mulher em sua universalidade (LACAN, 1972-73/1985a).

O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse *uma a uma*. (LACAN, 1972-73/1985b, p. 19).

Kehl (1998) esclarece que o aforismo lacaniano abre para um novo olhar, uma nova leitura. A mulher é inexistente para o inconsciente, uma vez que lhe falta uma inscrição significativa, não há uma exceção que a faça existir. Lacan, quando afirma “A mulher não existe”, não se refere à inexistência das mulheres. Não é essa a sua intenção, o que ele pretende demonstrar é que, de maneira distinta do homem, a mulher não tem uma nomeação que a represente, ou seja, ela não possui um significante que a defina. Nesse sentido, cada mulher terá que construir sua própria história, inventar-se, cada uma à sua maneira, sempre na lógica do *uma a uma*.

4 AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO NA MULHER CONTEMPORÂNEA

A psicanálise promoveu e promove, ao longo dos anos, um intenso debate a respeito do tema do feminino, admitindo através de Freud seu próprio limite para falar a respeito das mulheres. Hoje em dia, após as releituras de Lacan e outros autores, observa-se que, para elucidar a questão, torna-se imprescindível pensar a inexistência de *uma* definição que remeta o universo feminino a uma única resposta (LACAN, 1972-73/1985b).

Um dos destinos para o feminino, de acordo com Freud (1932/1996) e conforme já discutido, seria a maternidade. Para muitas mulheres, “tornar-se mãe” equivaleria a “tornar-se mulher”. Tornar-se mãe seria a saída para tamponar o vazio, a incompletude da figura feminina. De acordo com a teoria freudiana, o bebê é entendido como sendo um substituto do falo,

ou seja, ele é visto como um objeto para obturar a castração da mãe (CAMPOS, 2015; LAIA, 2015; SANTIAGO, 2015).

Ao ser tomada como um atributo fálico, a criança se inscreve como significante do desejo materno, mas esse acontecimento não irá tamponar o apetite fálico da mãe como mulher. Seu desejo não irá cessar, pois o desejo é movimento e continuará se reinscrevendo durante toda sua vida. (COUTO; MATTOS, 2015).

Lacan, no Seminário 4 – A relação de objeto, aponta a impossibilidade de substituição plena do bebê pelo falo. A criança não será capaz de ocupar um lugar supridor da falta da mãe, uma vez que o desejo é insaciável. Sempre haverá algo, para além, a se buscar. A criança é, antes, um objeto que se articula com a falta materna. (LACAN, 1956-57/1995).

Conforme Couto e Mattos (2015), a mulher pode identificar na criança um objeto que mobilize a sua própria existência, mas não um objeto que obture por completo seu vazio. Além de responder à problemática fálica em uma mulher, a maternidade reportará ao campo do ilimitado, ou seja, do indefinido e interminável, ao campo de sua falta-a-ser:

A maternidade, sendo uma suplência ao fato de a mulher não ser toda, inscreve a criança como objeto *a* que tampa esse ponto em que a mulher permanece ausente, sem inscrição para ela mesma. É a via metafórica do amor que coloca a criança como substituto da falta-a-ser feminina e permite que a significação do falo seja evocada no imaginário do sujeito. (COUTO; MATTOS, 2015, p. 149).

De acordo com Kehl (1998), não se trata de negar a importância da maternidade, pelo contrário, ela confere um importante lugar a muitas mulheres. O fato é que, colocar a maternidade como a única solução possível para o destino feminino indica um estreitamento no leque de opções, diante de tantas outras possibilidades nas quais elas possam vir a investir.

O possível papel de mãe e esposa, que foi outrora designado para a figura feminina como sendo o único lugar na sociedade, hoje não mais se sustenta. O desejo pela maternidade, de ter um filho como idealização simbólica do falo, pode realizar-se em outros objetos. A mulher dos tempos de Freud não é mais a mesma dos dias atuais (COUTO; MATTOS, 2015).

Oliveira e outros (2013) destacam como a mulher, sobretudo ao longo das últimas décadas, adquiriu maior liberdade de escolha. Em consequência, algumas delas vêm adiando a maternidade. Os autores afirmam ainda que as mudanças socioculturais promoveram transformações em relação ao papel ocupado pela mulher na sociedade:

A incorporação da mulher no mercado de trabalho, a maior importância para o desenvolvimento de sua escolaridade, as novas técnicas de controle da fertilidade, são

fatores que atualmente influenciam a tomada de decisão acerca do momento mais oportuno para a mulher tornar-se mãe. (OLIVEIRA et al. 2013, p. 2).

Da mesma maneira, Badinter (2011) salienta o surgimento de uma diversidade de modos de vida para as mulheres. Assim, é possível dar lugar a outras ambições pessoais, optar por uma vida de casal sem filhos ou até mesmo atender o desejo pela maternidade e, concomitantemente, realizar-se em alguma atividade profissional. Essa liberdade de escolha vem transformando sensivelmente a condição da maternidade e dando fim às representações sociais de que o desejo pelos cuidados maternos seria o destino único e natural para todas elas. Junto às mulheres que se realizam na maternidade, uma outra classe delas se questiona sobre as possibilidades de conciliar os lugares de mãe e mulher.

O avanço da ciência também contribuiu para que a mulher começasse a se colocar frente aos seus demais anseios. Atualmente, é possível a ela escolher seu parceiro, ou mesmo, gerar um bebê de proveta. A pílula anticoncepcional concedeu-lhes a opção de decidirem-se ou não por uma gravidez. Hoje é possível para a mulher sustentar o desejo de ter ou não filhos, optar pelo momento que considera mais oportuno de exercer os cuidados maternos ou ainda decidir-se por não exercê-los (BESSA, 2015; CAMPOS, 2015).

Se algumas mulheres encontram, na maternidade, a felicidade e uma identificação insubstituível, um destino desejado e a realização pessoal, por outro lado, existem aquelas cujo desejo está para além dos cuidados maternos, almejam mais independência e possibilidades de se reafirmarem profissionalmente (BADINTER, 2011).

A maternidade e as virtudes que ela pressupõe não são evidentes. Nem atualmente, nem no passado, quando ela era um destino obrigatório. Optar por ser mãe não garante, como inicialmente se acreditou, uma melhor maternidade. Não apenas porque a liberdade de escolha talvez seja um embuste, mas também porque ela aumenta consideravelmente o peso das responsabilidades em um tempo em que o individualismo e a “paixão de si” nunca foram tão poderosos. (BADINTER, 2011, p. 24).

Ainda segundo Badinter (2011), nos últimos trinta anos, a criança é desejada mais tardiamente. De acordo com pesquisas, a idade média para se planejar o primeiro filho gira em torno dos 30 anos de idade. Percebe-se que primeiro a mulher busca concluir os estudos, vivenciar novas experiências, estabilizar-se no trabalho e na carreira profissional. Tais requisitos acabam por adiar o exercício da maternidade. A nova forma de abordar o feminino, na atualidade, vem desmistificando os modelos culturais e sociais dos séculos passados. O destino de cada mulher não mais se restringe à maternidade, uma vez que existem outras vias possíveis e desejáveis para elas. O destino pode ser escrito, de distintas formas, por cada uma.

A noção de feminilidade, sobretudo após as elaborações lacanianas, proporcionou à teoria psicanalítica uma reflexão sobre a sexualidade feminina a partir da singularidade presente em cada uma delas. Uma singularidade que se opõe ao discurso da universalidade e que se instaura como uma enunciação (ALMEIDA, 2012).

Nessa perspectiva, André (1998, p. 10) esclarece que “[...] O que significa ‘ser uma mulher?’ Eis aí a Questão por excelência. Quanto ao que ela pode querer, como afirma a sabedoria ancestral, jamais se está seguro”.

A psicanalista Malvine Zalcberg levanta pontos importantes em uma curiosa entrevista, intitulada “O que leva algumas mulheres a se arrependem de ter filhos?”, abordando a questão do desejo para além das conquistas de direitos:

Por muito tempo as mulheres não encontravam outra saída para suas vidas a não ser por via da maternidade. A liberdade pessoal aliada à liberdade sexual, tornou a opção da maternidade definitivamente uma escolha em nossa época. Nem todas as mulheres, no entanto, mesmo nestes tempos recentes, se imbuíram de que podem escolher ter filhos ou não, se assim o desejarem. Permitiram que o desejo de outros – seja da sociedade, da família, de um companheiro ou companheira - prevalecesse sobre o seu. (ZALCBERG, 2017, p. 1).

Segundo ela, o que se passa, na grande maioria dos casos, é que as mulheres que se arrependem da maternidade, “[...] disto só se dão conta quando ouvem o testemunho de mulheres que lembram a liberdade que conheceram por não terem tido filhos e terem podido se dedicar a realizações de acordo com seu verdadeiro desejo” (ZALCBERG, 2017, p. 1).

Importante situar que o “verdadeiro desejo” aqui não tem qualquer relação com um ideal ou uma espécie de fim almejado. Na mesma entrevista, Zalcberg dirá que a noção de um maior leque de opções das quais dispõem as mulheres atualmente, de longe, se restringe a ter ou não ter filhos. Afinal, existem infinitas outras formas das mulheres se realizarem, se inventarem e reinventarem, se haverem com seu desejo (ZALCBERG, 2017).

Nunes (2011, p. 114) ressalta que uma mulher quer “[...] muitas e diversas coisas, certamente, mas quando damos ouvidos as suas queixas, como fez Freud com suas histéricas, descobrimos que, antes de tudo, elas querem liberdade e condições que lhe permitem desejar sem precisar pagar o alto preço da culpa” – uma mulher que pode caminhar no sentido de sustentar o desejo para além das exigências sociais colocadas sobre ela, distanciando-se do peso, por vezes devastador, dos ideais.

Freud (1932/1996, p. 134) afirma que “[...] se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes”.

Assim, compreende-se que não existe uma definição *a priori* que abarque o universo feminino, tão pouco uma explicação simplificada que seja capaz de responder ao enigma da feminilidade. Caberá a cada uma delas elaborar formas para lidar com a falta, o desejo e as possibilidades de invenção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, a mulher carregou um estigma fortemente vinculado aos seus respectivos papéis estabelecidos pela sociedade. A questão de gênero, por exemplo, teve grande influência nesse contexto.

Percebe-se que foi atribuída à figura feminina uma representação social e cultural que determinou suas condições diante da sociedade. Condições estas, atreladas ao exercício da maternidade e à submissão à figura masculina – primeiro, à autoridade patriarcal e, posteriormente, ao futuro marido. A figura masculina exerceu, durante muito tempo, domínio sobre a figura feminina. A mulher estava atrelada aos afazeres domésticos, aos cuidados destinados ao homem e aos filhos. A mulher, enquanto mãe, dedicava-se a cuidar, amar e zelar pelos filhos, além de manter ativa a continuidade da linhagem. Seu destino já estava predeterminado: ser mãe, cuidadora e educadora. Dessa forma, através do percurso histórico construído, pôde-se perceber como essa ideia se arraigou e se perpetuou através dos anos.

Buscou-se atentar para outro aspecto, que não se refere às representações de papéis, mas à condição de sujeito, este que, para a psicanálise, conceitua-se como sujeito desejante, o que aponta para a ótica da singularidade.

Quanto à questão norteadora deste trabalho, esclarece-se que o propósito da pesquisa não foi negar a importância da maternidade, tão pouco generalizar o termo, mas provocar considerações no campo que excedam a lógica dos cuidados maternos. Nessa perspectiva, afirmar que todas as mulheres desejam a maternidade seria um equívoco, assim como também seria um equívoco dizer que todas elas já não optam mais por se tornarem mães.

Pôde-se compreender que os desdobramentos do desejo constituem um processo singular, dessa forma, o paradigma que agregou a feminilidade à maternidade hoje não é mais suficiente para definir as mulheres, uma vez que essas só poderão ser pensadas *uma a uma*. Assim, é possível refletir que nem sempre o desejo de cada mulher estará atrelado à maternidade, uma vez que tal desejo não é universal. Apesar de Freud colocar o amor materno, a mulher-mãe, como ideal para se conquistar a feminilidade, na contemporaneidade, isso não mais se sustenta. Como visto, o desejo não cessa, ele se movimenta constantemente em direção a

outros objetos. A maternidade então aparece como uma das possibilidades de investimento para elas, e não, como destino natural.

Levando em conta os aspectos abordados, notou-se que a inclusão da mulher no mercado de trabalho, os avanços tecnológicos e da medicina, permitiram à figura feminina ampliar seu espaço na sociedade. Com o passar dos anos e as respectivas mudanças, a mulher vem decidindo-se, ou não, por ter filhos. Ademais, possui liberdade para realizar uma parceria amorosa, ou até mesmo optar por uma produção independente. Fatores esses que vêm contribuindo para o adiamento da maternidade, abrindo espaço para que elas exerçam, cada vez mais, suas escolhas.

Frente à incógnita que abarca a figura da mulher, Freud nomeou a feminilidade como um “continente negro”. Tendo em vista os aspectos abordados, pode-se concluir que falar sobre a mulher é percorrer um longo caminho, abarrotado de indagações e enigmas, quase sempre, indecifráveis, uma vez que o que quer uma mulher, desde Freud, passando por Lacan e até a atualidade, é uma resposta em construção - construção essa que envolve o singular do desejo de cada uma, na contramão de um saber universal que as nomeie e/ou defina.

A pesquisa permite aludir à hipótese de que “nem toda mulher nasceu para ser mãe”, mais ainda, de que cada uma pode responder à sua questão pela via de um desejo sempre singular. Todavia, trata-se sempre de uma aposta, não ingênua e livre de garantias.

A questão do desejo, na perspectiva psicanalítica, está para além das conquistas de direitos, dos avanços do discurso da ciência, das modificações da sociedade e da cultura – sustentar o desejo é tarefa que requer muito trabalho e implicação subjetiva, tema que instiga a continuação da pesquisa e escritos futuros.

REFERÊNCIAS

ALBERTUNI, Patrícia Shalana. **Mãe é mãe: discursos contemporâneos na blogosfera materna**. 2015. 253 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica e Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2015.

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade - caminhos de subjetivação. **Estudos de psicanálise**, Belo horizonte, n. 38, p. 29-44, dez., 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n38/n38a04.pdf>>. Acesso em: 19 de abril. 2016.

ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia, UFF**, Niterói, v. 19, n. 2, p. 411-422, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v19n2/11.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

ALONSO, Silvia. Desejo e recalque. In: BERUNCK, Manoel T. **O desejo na psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1985. p. 11-25.

ALONSO, Silvia Leonor. Interrogando o feminino. In: BREYTON, Melanie Danielle. **Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 15-29.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ARAÚJO, Maria de Fátima; MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2004, 24 (1), p. 44-55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BESSA, Graciela. Quando a maternidade não se sustenta nos semblantes. **Curinga**, Belo Horizonte, n. 40, p. 201-230, out., 2015.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CAMPOS, Sérgio. O que quer a mãe, hoje? **Curinga**, Belo Horizonte, n. 40, p. 13-20, out., 2015.

CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 19-66.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COELHO, Maria Cristina Ferraz. **Letra Freudiana: 100 anos de Projeto Freudiano**. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 15, p. 59-66, [1995?]. Disponível em: <<https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/letra-freudiana-15-100-anos-de-projeto-freudiano.pdf>>. Acesso em: 18 de maio. 2016.

COUTO, Margaret Pires do; MATTOS, Cristina Pittella de. Quais os impasses para a criança se inscrever no outro hoje? **Curinga**, Belo Horizonte, n. 40, p. 145-161, out., 2015.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

EMÍDIO, Thassia Souza. **Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e psicanálise**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade, Assis, 2008.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX, p. 271-286.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIII – Feminilidade (1932). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII, p.113-134.

FREUD, Sigmund. Realizações de desejo (1900). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. V, p. 580-601.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917-18). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII, p. 145-153.

GARCIA ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GARCIA ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KEHL, Maria Rita. O desejo da realidade. In: NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 363-382.

LACAN, Jacques. Deus e o Gozo d' A Mulher. 2. ed. In: LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. (1972/1973a). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 87-104.

LACAN, Jacques. Do Gozo. 2 ed. In: LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. (1972/1973b). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 9-23.

LACAN, Jacques. O falo e a mãe insaciável. In: LACAN, Jacques. **Seminário, livro 4**: a relação de objeto. (1956/1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 182-199.

LAIA, Sérgio. O que Medeia nos ensina sobre as mães, hoje? **Curinga**, Belo Horizonte, n. 40, p. 23-34, out., 2015.

MARCOS, Cristina. Figuras da maternidade em Clarice Lispector ou a maternidade para além do falo. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. X, n. 1, p. 35-47, jan/jun., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v10n1/a02v10n1.pdf>>. Acesso em: 8 de abril. 2016.

MEIRA, Alessandra da Costa. **Dos impasses da maternidade a uma verdade indizível**: uma leitura psicanalítica sobre a feminilidade. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.pospsi.ufba.br/Alessandra_Meira.pdf>. Acesso em: 04 set. 2015.

NASIO, J.- D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 101-115, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v23n2/07v23n2.pdf>>. Acesso em: 7 de abril. 2016.

OLIVEIRA, D. R. de; ROCHA, D. S.; COLISSI, J. C.; SIFUENTES, M. A mulher contemporânea e a maternidade tardia. In: **Anais da VI mostra científica do CESUCA**, Nova Cachoeirinha, RS, v. I, n. 7, 2013. Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/viewFile/512/pdf_73>. Acesso em: 6 de abril. 2016.

SANTIAGO, Jesús. Mãe/bebê ou Mãe/mulher. **Curinga**, Belo Horizonte, n. 40, p. 73-83, out., 2015.

VALENÇA, Maria da Conceição Araújo. **A feminilidade em Freud e na contemporaneidade**: repercussões e impasses. 2003. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2003.

ZALCBERG, Malvine. O que leva algumas mulheres a se arrependem de ter filhos? **Opção Lacaniana Online**, ano 8, n. 22, p. 1-5, mar., 2017. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_22/O_que_leva_algunas_mulheres_a_se_ar_reperderem_de_ter_filhos.pdf>. Acesso em: 25 de ago. 2017.